

## A Couve

Era uma vez uma couve-flor  
Que queria ser um cravo!  
Mania das grandezas;  
A couve-flor  
Tentava fazer-se passar por cravo  
Mas apesar de tentar muito  
Não conseguia;  
Então, numa madrugada distante  
Um mágico criado pelo pobre Paulo Coelho  
Transformou-a em cravo;  
Ouviram-se umas canções na rádio  
E a couve-flor deu consigo na ponta de uma G3  
Tinha sido a "Revolução dos Cravos"  
Em 25 barra 4 de setenta e quatro;  
Ou terá sido a "Revolução da Couve-Flor"?

Talvez tenha sido mesmo a Revolução das couves. De facto, poucos anos volvidos sobre esse acontecimento, dos cravos o que restara era uma sombra, um esquecimento mais que uma lembrança. As jovens gerações não sabiam nem queriam saber de cravos; elas próprias eram mais “escravos” que “cravos”. Escravos-cravos-escravos, era o refrão. Irromperam construtores, incendiários, demolidores, fizeram-se descarrilamentos de ferrovias, a Revolução das Couves triunfou. Não vale a pena querer ser cravo, quando se nasceu modestamente couve. Couve, nem sequer “couve-flor”. A flor está distante demais para a dignidade da couve. A Revolução Americana foi o que foi porque foi onde foi; a Revolução Francesa foi o que foi porque foi na França; a Revolução Russa foi assim porque a Rússia é grande; a Revolução Chinesa foi importante porque a China tem muitos chineses. “Pensei que sabias isto, miserável couve”, disse Patrício. “Um rato não é águia, um gato não é tigre”.

“Todos somos do tamanho da nossa aldeia”, disse o Pessoa que também foi do tamanho que foi, prejudicado pela aldeia que o viu morrer alcoolizado. As pessoas são como os países e as respectivas revoluções. Conforma-te, rato-couve; nunca serás um cravo, não tens tal estatuto. A couve deve ser feliz porque há pior; pensa nisso; sofre e abstém-te! – é uma velha máxima estóica.”

Carlos Mota